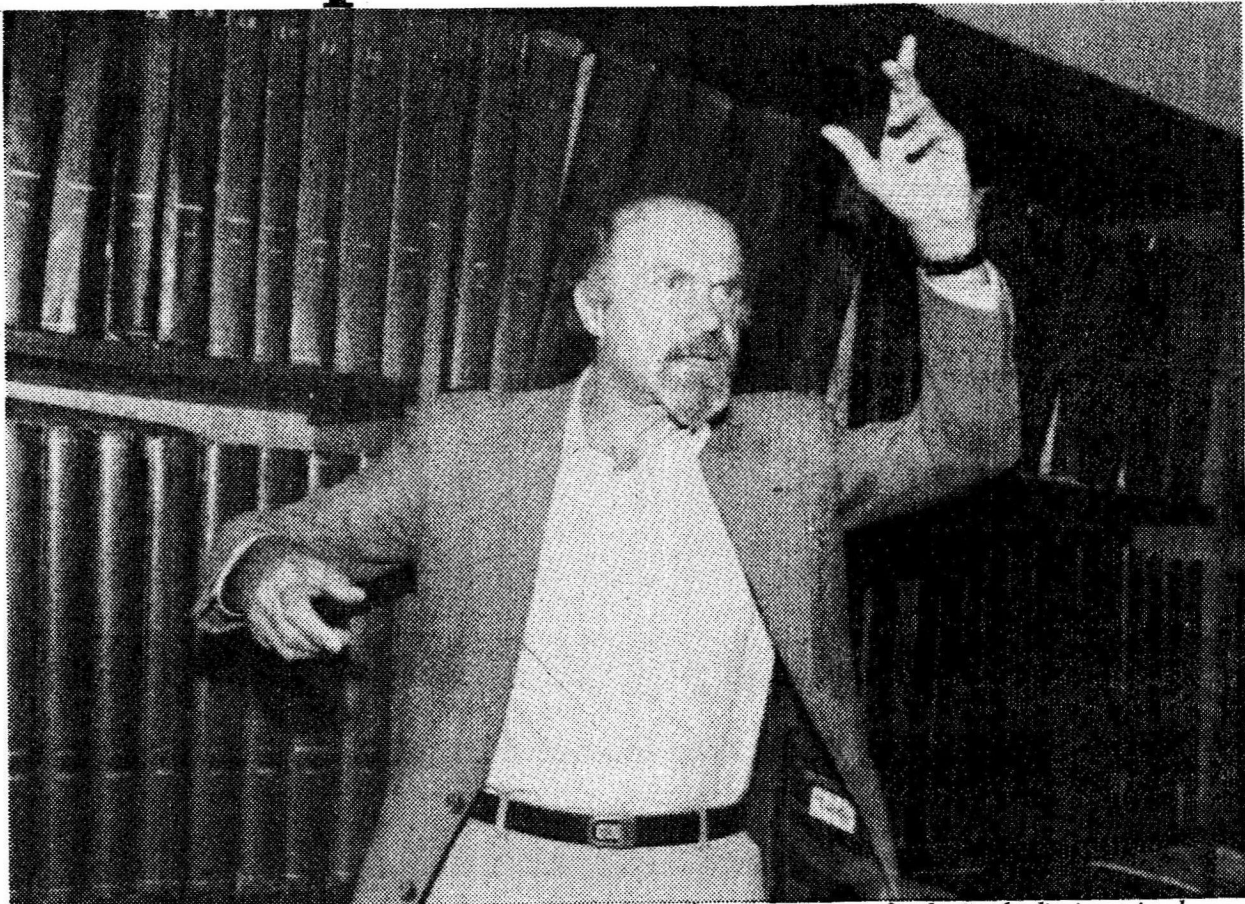


'Orquestras não podem ser soníferos'

Julio Fernandes

Para ele, orquestras não podem ser soníferos para a plateia. Devem ter dinâmica, tocar para diversos públicos, ser, enfim, uma provocação cultural. O regente titular da Orquestra Sinfônica de Brasília, que desde o início do ano assumiu o posto a pedido dos próprios músicos, segue essa filosofia — mesmo enfrentando dificuldades.

O maestro Júlio Medaglia diz que sairá de pires na mão para garantir verbas que assegurem a qualidade do trabalho dos músicos e boas apresentações para o público. No dia 14 de agosto, colhe os frutos de sua batalha: traz a Brasília o quinteto de sopros da Orquestra Filarmônica de Berlim, que está entre as melhores da atualidade. No dia 19, a apresentação será em São Paulo. Com a irreverência que o caracterizou desde a época do tropicalismo, promete continuar fazendo concertos ao ar livre ou nos teatros das cidades-satélites do Distrito Federal. Apesar do orçamento curto, Medaglia diz que não desistirá de convidar artistas populares e solistas internacionais.



Júlio Medaglia propõe que a Orquestra Sinfônica de Brasília se torne uma fundação de direito privado

Dificuldades econômicas

“O orçamento da orquestra está bastante limitado. A situação econômica do GDF obrigou um corte de pelo menos 50% da programação elaborada para este ano. Pretendia trazer regentes e solistas brasileiros de outros estados e do exterior. Mas não foi possível. Entre os meus convidados estava o regente Carlos Eduardo Prates, da Orquestra Sinfônica de Niterói, e a solista Celini Imbert, uma das melhores sopranos do país. Sinto muito não trazer o pianista Juliano Martins, de São Paulo, que tocava com a orquestra no momento em que Cláudio Santoro, ex-regente titular, teve um ataque cardíaco e morreu.

Recursos

“Disponho de CR\$ 500 mil por mês para administrar a orquestra, excetuando-se o pagamento dos salários dos músicos, que é feito pelo governo. Com essa verba dá para fazer muito pouco. Pago os cachês de músicos extras e artistas convidados, contratados periodicamente para suprir as vagas da orquestra, que está com o quadro de músicos incompleto. Há 10 vagas precisando ser preenchidas. Estamos aguardando a abertura do concurso, o que pode acontecer ainda este ano.”

Filosofia da orquestra

“A Orquestra de Brasília não pode adormecer as pessoas, muito menos anestesiá-las. O nosso papel é provocar culturalmente a cidade. Por isso, sempre inovamos em nossos concertos e já fizemos algumas experiências diferentes. Num único espetáculo, no início do ano, realizamos um concerto variado com a apresentação de Antônio Menezes, solista internacional, e Lívio Tra-

temberg, que arrancou vaias e aplausos da plateia com a composição *Teleros*. Para o mesmo concerto, trouxe de volta à capital o professor Décio Pignatari, que narrou um texto durante o espetáculo. Ele foi expulso da cidade na época da ditadura. Em homenagem ao Dia da Mulher, fizemos um *concerto feminino*, homenageando várias musas que foram fonte de inspiração para a música, caso das óperas *Carmem* e *Tosca*. Convidei também a cantora Cláudia Ricitelli, que também estuda regência em São Paulo. Em protesto ao domínio masculino no mercado de trabalho de regentes, fizemos uma encenação. Em determinado momento, ela tirou a batuta da minha mão e terminou o concerto regendo a Orquestra de Brasília. Tivemos também a apresentação de uma bailarina. A moral de estória é que uma orquestra tem que ser dinâmica.”

Entrada franca

“A bilheteria pode ser um fator de inibição para muita gente que pensa em conhecer o trabalho da orquestra. É a crise. Propus apresentações gratuitas porque confiei no respeito do público. Não me decepcionei. Fizemos, em média, no primeiro semestre, um concerto por semana e a casa sempre estava lotada.”

Apresentações populares

“A orquestra é propriedade da cidade, financiada por dinheiro público. Não se pode escolher público. Já tocamos em cidades-satélite e até no presídio, na *Papuda*. Foi uma experiência humana muito importante para todos os músicos. Os presos choravam e aplaudiam durante a apresentação. Os meios de comunicação de massa acham que

o público é retardado, que só sabe ouvir Chitãozinho e Xororó. Eu digo que o público é sensível e delira com os concertos sinfônicos da orquestra. Tanto, que o Coral de Presidiários da Papuda acompanhou divinamente a Orquestra durante o concerto. O público tem informação cultural. Apesar de não estar acostumado a concertos, se emociona. Em Sobradinho, quando nos apresentamos num pequeno teatro, optamos por peças mais curtas e algumas obras populares de valor, que são conhecidas do público. Fiz uma suíte compacta da trilha sonora do filme *Guerra nas Estrelas*. A plateia vibrou. Não vamos fazer concertos só para lembrar composições do século passado. A orquestra vira sonífero.”

MPB

“A música popular brasileira vai muito mal. As lideranças não querem mais assumir o seu papel por intermédio da música. É uma desgraça. A MPB caiu no *boleroismo*. O rock brasileiro, em geral, é grosseiro e primitivo, apesar da catarse que provoca com a sua energia. A molecada só ama guitarra e composições que têm sempre os mesmos acordes e dispensam outros componentes musicais. O repertório brasileiro caiu há 20 anos, embora o consumo tenha triplicado.”

Lideranças musicais

“Alguns músicos não estão usando toda a sua sensibilidade. Depois do tropicalismo, acomodaram-se no *show business* convencional. São pessoas que vivem no mundo da fantasia, impulsionados pela tietagem carioca, que acaba com qualquer projeto cultural do país. O Chico Buarque quase parou. O Caetano Veloso se indignou

com o massacre dos meninos de rua na Candelária, no Rio. Mas tem muita gente responsável por essa situação. No tropicalismo, a cultura popular era uma provocação e atuava na evolução política do país. O artista através da linguagem musical influiu nas modificações. Quando veio a liberdade, os caras se acomodaram. E o país está muito pior hoje.”

Rumos da orquestra

“Os recursos públicos são a base de sobrevivência da Orquestra de Brasília. Mas ela não pode depender exclusivamente deles. Tem que ter vida própria. Fundamos a Sociedade de Amigos da Orquestra Sinfônica de Brasília para dinamizar a arrecadação de verbas. Pensamos em elaborar um projeto para apresentar a grandes empresas. Em troca, ofereceríamos retorno institucional para melhorar a imagem dessas instituições. É um negócio. Uma empresa não tem que nos dar dinheiro porque tocamos bonito. Nos Estados Unidos, 2.500 orquestras são financiadas por empresários. Não porque gostem de *Mozart* ou *Beethoven*, mas porque adoram grana. Uma orquestra pode ser útil para uma empresa. A Orquestra de Brasília deveria se tornar uma fundação de direito privado para funcionar como empresa. Já conversei sobre isso com alguns representantes do governo do DF. Eles não foram muito otimistas. Um dos problemas que enfrento atualmente é a contratação de três búlgaros para a orquestra. Não podem ser contratados porque não são brasileiros. Uma fundação de direito público, como é atualmente a orquestra, tem uma burocracia enorme.